

**MEMÓRIA E JUDAÍSMO NO PROCESSO CRIATIVO DE A CHAVE DE CASA:
UMA ENTREVISTA COM TATIANA SALEM LEVY**

**MEMORY AND JUDAISM IN THE CREATIVE PROCESS OF *THE HOUSE IN
SMYRNA*: AN INTERVIEW WITH TATIANA SALEM LEVY**

Laura Jovchelovitch*

Resumo: Este trabalho consiste na transcrição da entrevista com a escritora Tatiana Salem Levy, realizada por videochamada em 2 de outubro de 2023. As perguntas têm como foco o papel da memória e do judaísmo no processo criativo da autora, em especial durante a escrita do livro *A chave de casa*. Além de abordar esse tema, Salem Levy descreve outras etapas do processo criativo, como a organização dos capítulos do romance, as influências criativas e a mistura entre experiência real e invenção na criação ficcional. Também reflete sobre o que é o judaísmo para ela e qual a relação do povo judeu com a memória, a literatura e a transgeracionalidade.

Palavras-chave: Escrita criativa. Processo criativo. Memória. Literatura judaica brasileira. A chave de casa.

Abstract: This paper presents a transcription of an interview with writer Tatiana Salem Levy, originally recorded on a Zoom meeting on October 2, 2023. The questions focus on the influence of memory and Judaism on Levy's creative process, especially while she was writing the novel *The house in Smyrna*. Besides exploring this subject, Salem Levy describes other aspects of her creative process, such as the way in which she structured the novel's chapters, her creative influences, and the conflation of real experience and imagination in fiction writing. She also reflects on what Judaism means to her personally and what the relationship between memory, literature and transgenerationality might mean for the Jewish people.

Keywords: Creative writing. Creative process. Memory. Brazilian Jewish literature. The house in Smyrna.

Em entrevista realizada no dia 2 de outubro de 2023, pela plataforma de videochamadas Zoom, a escritora Tatiana Salem Levy relata como foi escrever o livro *A chave de casa*, seu primeiro romance, vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura em 2008. Além disso, a autora

* Mestranda em Letras, na área de concentração em Escrita Criativa, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CNPq. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: <laurajovchelovitch@gmail.com>

reflete sobre o papel da memória e do judaísmo no seu processo criativo. “A memória como tema é algo que aparece em todos os meus livros mesmo. Eu acho que ela é a base da literatura e a base daquilo que eu quero da literatura também”, afirma.

Laura Jovchelovitch — O que é o judaísmo para você? Como ele está presente na sua vida?

Tatiana Salem Levy — A primeira pergunta já é difícil, complexa. Acho que quando a gente não é religioso é sempre mais difícil, e eu não sou religiosa, então é sempre mais difícil explicar o que é o judaísmo, porque ele pode ser muitas coisas. Então, o judaísmo para mim é sobretudo uma cultura, uma tradição, é o amor pelos livros. A minha relação com os livros tem muito a ver com o judaísmo.

Eu sou filha de judeus; minha mãe e meu pai são judeus, mas todos judeus ateus. Eu nunca fui de frequentar a sinagoga, de fazer Shabat, nada disso. Mas eu sempre me entendi como judia. E esse me entender como judia tem a ver com a herança cultural mesmo, com as histórias, a herança de narrativas. A história que está no livro [*A chave de casa*] está modificada, mas a minha família é de judeus portugueses que foram para a Turquia, continuaram falando ladino e da Turquia foram para o Brasil. E aí tem a história da chave da casa dos judeus que foram expulsos de Portugal, que no livro eu mudei para Turquia. Mas a história que eu sempre ouvi em casa era essa: que a minha família guardava a chave da casa em Portugal na esperança de voltar. Essa é uma história que é antiga e que não é só a história dos meus avós, faz parte da história do século XVI. Então eu acho que tem um sentimento de identidade mesmo, em como isso foi sendo passado; por isso atravessar tantas gerações.

Uma coisa que eu também sempre ouvi muito em casa, que a minha mãe falava muito, é que os judeus são o povo do livro, por toda a relação com o livro mesmo, com a Torá, mas também essa relação com o saber. Por terem sido expulsos tantas vezes de tantas terras, surgiu esse aprendizado de que os bens materiais podem ficar para trás, mas aquilo que você aprende você leva para qualquer lugar. Então acho que judaísmo para mim era Primo Levi, Hannah Arendt, Walter Benjamin (*risos*).

Laura Jovchelovitch — Em uma entrevista sobre *A chave de casa*, você disse que o livro brinca com as fronteiras entre narradora, escritora e personagem, realidade e ficção. O quão consciente foi esse processo?

Tatiana Salem Levy — Esse processo foi bastante consciente. Nem todos os processos na escrita são conscientes, mas esse foi. Tudo para mim surgiu com a história da chave da casa de Portugal. Originalmente eu ia fazer essa casa e aí eu fui mudando. Como aquilo era a história da minha família e ao mesmo tempo eu não estava fazendo uma reconstrução histórica (era muito mais uma narrativa interessada na memória do que nessa reconstrução histórica), então precisava de uma subjetividade. Daí essa ideia da personagem, da narradora, que recebe a chave da casa, do avô. De certa forma, fazia parte da minha história, mas não era totalmente a minha história, porque eu nunca recebi chave nenhuma. Esse avô que está no livro eu nunca nem conheci. Quer dizer, o pai da minha mãe na verdade eu conheci, mas ele não é essa pessoa que está no livro; ele é uma outra pessoa. Mas eu queria colocar coisas pessoais e queria colocar coisas inventadas, então eu fui mesmo misturando.

Na autoficção tem muito isso de não colocar o nome ou colocar só uma inicial. A personagem não tem nome justamente para fazer essa brincadeira entre o real e a ficção.

Eu estou aqui nos Açores com uma amiga que leu o livro há muito tempo. A gente estava conversando sobre a vida; ela estava fazendo umas perguntas sobre a minha mãe, sobre o meu pai. Eu falei que meu pai era da direção do PCdoB, mas que a minha mãe não era. Aí ela falou: “Não era? Mas ela não foi presa, torturada?”. E eu falei “não”. Aí ela falou: “Não acredito! Eu sofri achando que aquilo era tudo verdade”. Então eu acho que tem coisas que são boas para o livro, boas para literatura e que eu precisei inventar, porque não tinham acontecido. E outras coisas que tinham acontecido que eu achei que eram boas para o livro.

Laura Jovchelovitch — Como você escolheu as suas memórias, especialmente ligadas a judaísmo, cultura, família, que fariam parte da ficção de *A chave de casa*?

Tatiana Salem Levy — Eu ouvia do meu tio-avô paterno (ele era mais da família do meu pai) essa história da chave da casa. Na verdade, as minhas duas famílias são de judeus *sefaradis*, as duas expulsas de Portugal. E as duas viviam em Esmirna, na Turquia, e viviam na mesma casa. Isso é uma coisa que é incrível, mas que não está no livro. Uma família vivia no andar de baixo, a outra no andar de cima.

Então tinha essa história de que esse tio-avô tinha a chave da casa, que ele tinha voltado para Portugal com essa chave. Esse imaginário da chave eu quis trabalhar. Só que voltar com a chave para Portugal eu achei que estava muito distante no tempo, e eu não sou uma romancista histórica, não consigo fazer toda aquela pesquisa. Não era a minha onda, não era o que eu queria fazer. Na verdade, o que importava para mim era muito mais esse imaginário da chave do que

de onde exatamente ela era. Primeiro porque eu acho que tem um lado meu que acha muito curioso você guardar a chave de um lugar de onde você foi expulso. Esse desejo de querer voltar para esse lugar como se ele fosse o paraíso perdido, só que o paraíso perdido te expulsou. Mas eu acho que a história da humanidade é essa. Ela é expulsa do paraíso e fica querendo voltar para o paraíso.

Mas essa coisa também de ter passado a chave durante tantas gerações... A chave não é simplesmente uma chave; é uma relação afetiva com o lugar, é uma língua, é uma cultura, é uma culinária. Então eu queria pegar mais essa simbologia da chave. Para a personagem ter a chave para ir atrás desse passado.

Quando eu fui escrever, da geração dos meus avós eu só tinha uma tia-avó. Entrevistei ela para pegar material sobre o navio, sobre a primeira vinda para cá. Depois, a minha mãe tem um livro chamado *Entre árabes e judeus*¹, em que ela fala da história da família. Também usei esse livro. E tem ainda o Boris Fausto, historiador, que também é da minha família e tem um livro chamado *Negócios e ócios*, que é sobre a família. Então eu fui usando esse material.

E tem o judaísmo que aparece muito torto ali (*risos*). Quando vai aparecer uma coisa mais religiosa, é tudo uma coisa de uma judia não judia.

Acho que depois que você entra mesmo no livro, você consegue entender a estrutura do livro; você vai entendendo o que funciona e o que não funciona. É um processo orgânico, eu acho, nesse sentido da seleção.

Laura Jovchelovitch — O quanto *A chave de casa* teve de organização prévia, como algum roteiro mais ou menos concreto?

Tatiana Salem Levy — Um roteiro mesmo eu não fiz, com certeza; isso eu nunca fiz na vida. O que acontece é que às vezes eu vou anotando um pouco a estrutura, mas depois ela vai sempre mudando. Chega uma hora também em que eu largo, não faço mais essa coisa dos esquemas. Eu sou muito solta na questão do processo. É engraçado: na verdade eu prefiro ir escrevendo e, depois, em algum momento, eu encontro a estrutura e vou começando a estruturar. No fim do livro eu estruturo ainda mais. Prefiro assim do que começar com a estrutura pronta. Prefiro ir descobrindo a estrutura enquanto escrevo.

¹ O livro de Helena Salem, *Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida*, foi publicado pela editora Brasiliense em 1991.

Tanto que, quando eu comecei, era só essa história da chave da casa. Depois o livro foi se ampliando; foi entrando a história da doença da mãe, aquela outra história de amor abusivo também. Ele foi ganhando essas ramificações que ele não tinha quando eu comecei a escrever.

Era meio assim: ah, hoje eu tô a fim de escrever essa parte aqui. Outro dia eu estava a fim de escrever outra parte. Eu ia escrevendo de forma bem desordenada. No fim, eu imprimi tudo. Era tipo uma montagem de filme. Fui montando a ordem dos capítulos, fui fazendo isso várias vezes até chegar num lugar. Depois eu fui vendo: não, tá faltando escrever alguma coisa aqui, outra coisa ali. Aí eu escrevia. Foi assim. Eu não sou uma pessoa muito estruturada (*risos*).

Laura Jovchelovitch — Um trecho de *A chave de casa* que me marcou muito é aquele em que a narradora descreve o sentimento de que o corpo dela não é só dela e diz que percebe outros da família, e até desconhecidos, em si mesma. Imaginando que a sua escrita também não seja só sua, que vozes aparecem nela?

Tatiana Salem Levy — Ai, que difícil (*risos*). Eu acho que de alguma forma tudo que a gente lê aparece, mesmo que não apareça [explicitamente]. A nossa formação como escritora é fundamental, então tudo que eu tinha lido até ali [foi importante]. Eu acho até que eu li muitas escritoras mulheres. Sempre gostei muito de ler escritoras mulheres. Desde a Clarice, a Virginia Woolf, a Katherine Mansfield... a Elisa Lispector também entrou um pouco por conta da questão do exílio e tal. Acho que de alguma forma essas vozes [aparecem]. Qualquer escritor está sempre falando com as vozes que vieram antes dele ou dela. Mas eu acho que também tem essas vozes familiares mesmo.

Na verdade, tudo aconteceu porque eu estava realmente com questões físicas, de muitas dores (aquela coisa da personagem, aquela é uma parte real). Quer dizer, real [só que] exagerada. Mas eu sentia realmente muitas dores. Foi um processo que começou no divã, na análise mesmo. A coisa de começar a questionar: eu venho de uma família que foi muitas vezes expulsa, teve que migrar muitas vezes — eu mesma nasci no exílio —, e agora de repente eu tenho esse corpo que não consegue sair do lugar. Eu não conseguia sair da cama mesmo, de dor; eu tinha muitas dores. Então narrar, escrever esse livro era uma forma de procurar, inventar, criar um sentido para esse corpo também. Mas esse corpo sempre em relação com os corpos que vieram antes.

Aí eu estudei bastante até sobre trauma geracional, [sobre] como os traumas — sobretudo quando eles não são ditos, não são contados, quando eles são escondidos —, passam de geração em geração. Tem muitos estudos psicanalíticos, tem muita coisa sobre isso, de como você

recebe traumas de antepassados seus. Então eu comecei a interpretar esse corpo que não conseguia sair do lugar como um diálogo com esse trauma de ter sido obrigado a sair do lugar tantas vezes.

Laura Jovchelovitch — No livro, tem algumas cenas em que o judaísmo aparece de forma mais explícita, como o sonho com os “falsos” familiares, o jantar de Rosh Hashaná e o casamento dos avós. O que te inspirou a escrevê-las? Você usou experiências suas?

Tatiana Salem Levy — Usei. Não eram todas as festas que a gente comemorava todos os anos (a não ser Yom Kippur; Yom Kippur era todos os anos). Tinha alguns anos em que era Pessach, outros em que era Rosh Hashaná. Então eu tinha [essas experiências]. E eu tenho umas amigas brasileiras judias que moram aqui [em Portugal], que têm filhos também; aí a gente faz sempre. Agora eu faço mais do que os meus pais faziam. Mas então eu tenho um pouco dessa experiência pessoal. Já tinha ido a casamento judaico também... mas eu acho que eu devo ter lido um pouquinho, pesquisado para ver se eu não estava fazendo muita besteira (*risos*). Porque é aquela coisa: quando você é criança ou adolescente, você vai [às festas judaicas], mas não presta tanta atenção. Eu vejo: meus filhos vão, mas é como se estivessem num encontro com outras crianças. Ouvem alguma coisa e tal, mas [não prestam muita atenção].

Laura Jovchelovitch — Já aconteceu de você escrever, reler e só depois perceber que tinha colocado uma memória sua?

Tatiana Salem Levy — Não sei te responder isso, porque tem muito tempo. Quando eu escrevi [*A chave de casa*], eu tinha 26, 27 anos. Tenho 44, então isso eu não consigo te responder.

Laura Jovchelovitch — Você teve medo de o leitor não entender algo por ser da cultura judaica? Por exemplo, ao escrever alguma palavra em ladino. Se sim, como lidou com isso?

Tatiana Salem Levy — São coisas que tudo bem se o leitor não entender. Eu acho que não fico preocupada que se entenda tudo. Nem a gente entende tudo (*risos*). E, depois, as coisas em ladino são tão parecidas com espanhol e português que dá mais ou menos para entender. Mas acho que o leitor não vai se incomodar se tiver uma frase ou outra que ele não entenda. Acho que o objetivo da literatura não é explicar, então é bom um certo estranhamento. Também acho que isso faz parte do judaísmo, essa coisa do estranhamento, do outro. Porque [o povo judeu] é

um povo que é sempre o outro, ou olha para quem não é judeu como o outro, né? Então acho que faz parte, essa estranheira.

Laura Jovchelovitch — Considerando seus outros livros, como você acha que a memória aparece no seu processo como um todo? E qual a relação disso com o seu judaísmo?

Tatiana Salem Levy — A memória é fundamental, pelo menos nos meus livros. Mesmo em *Vista chinesa*, que é a história de outra pessoa, ela surge muito de uma cena do passado, de uma lembrança. Não são [necessariamente] muitas memórias; pode ser uma memória, e a partir daí outras memórias vão vindo. Mas acho que tem muito isso de vir uma memória de um lugar ou a memória de algo da infância. Por exemplo, no caso de *Vista chinesa*, [era] a memória da Joana, minha amiga, tentando contar o que tinha acontecido. Então acho que tudo que eu escrevo parte sempre de uma cena. Parte de uma cena que é uma imagem e que tem a ver com algo que eu vivi, ou que eu vi, ou que eu imaginei, e que fica na minha memória até virar escrita. Eu acho que demora até virar escrita. Primeiro vira memória, depois vira escrita. Acho que não existe escrever sem memória, mesmo para escritores que não escrevem autoficção. Acho que a memória é a base de qualquer literatura. E tem isso de que às vezes, [quando] você está escrevendo, vai de repente tendo outras memórias e vai lembrando e vai confundindo. Isso aconteceu também n’*A chave de casa*, eu me lembro. Hoje em dia, tem umas coisas que eu já não sei: “Ai, isso aconteceu? Não aconteceu?”. Vai misturando. Já não sei o que aconteceu e o que não aconteceu. Porque a memória é também o esquecimento, né? Não é só o que a gente lembra. Eu acho que a gente escreve também com aquilo que a gente esquece.

A memória me fascina. A memória como tema é algo que aparece em todos os meus livros. Eu acho que ela é a base da literatura e a base daquilo que eu quero da literatura também. Tem algo de muito fascinante na memória, que é o fato de que você não escolhe a memória; ela própria se escolhe (*risos*). As coisas que são mais fortes, mais impactantes na vida, você não escolhe se vai lembrar ou não. Tem memórias que ficam vindo, tem aquelas memórias que nunca saem da nossa cabeça. Não adianta. “Ah, não quero mais ter essa memória”, ou então: “quero ter essa memória”; não é assim que acontece. Isso me fascina. A memória é uma espécie de sujeito autônomo: é nossa, mas a gente não manda nela.

A memória — e isso tem a ver com aquilo que eu estava falando sobre o esquecimento —, ela tem muitos vazios. Então isso também é maravilhoso para a literatura: ou para preencher alguns vazios ou para manter os vazios. Mas toda vez que eu penso em uma reconstrução histórica, eu penso em alguém que está tentando preencher muitos vazios. E quando eu penso

na memória, eu também penso em deixar muitos espaços em branco, até para deixar para o leitor imaginar, né? Eu acho que é uma literatura que não se fecha, que não entrega todos os sentidos. Ela deixa para o leitor também: deixa um espaço ali, para arejar mesmo, para o leitor poder imaginar.

Laura Jovchelovitch — Você comentou que chegou a entrevistar uma tia-avó para escrever o livro. Além dela, você entrevistou mais alguém? O quanto as cenas do passado, do avô vindo da Turquia, por exemplo, tiveram de pesquisa, de histórias que você ouviu e o quanto elas tiveram de invenção sua?

Tatiana Salem Levy — Teve muita invenção nessa história. Aqui na história do Brasil, misturei algumas coisas que eu ouvia com [partes da vida dos] meus avós maternos, meus avós paternos, e coisas que eu li nesse livro da minha mãe. Por exemplo, tem a história da Rosa, que é a mulher por quem o avô era apaixonado na Turquia e que se matou, se jogou num poço. Eles não podiam ficar juntos. Essa história não é real. Quando eu estava no Marrocos, fazendo uma viagem no deserto, eu conheci um cara que me contou essa história. Era dele; ele tinha vivido isso. A mulher por quem ele era apaixonado quando era jovem tinha se matado porque eles não podiam ficar juntos. Eu peguei essa história para o livro. Então acho que não é só o que você lembra; você tem que estar atento. Atento ao mundo, às coisas que você ouve, às coisas que você lê. O escritor vai roubando uma coisa aqui, uma coisa ali.

Laura Jovchelovitch — Você já escreveu livros com personagens judias e outros com personagens não judias. Você consegue apontar semelhanças e diferenças nesses dois processos?

Tatiana Salem Levy — Não, para mim não tem diferença. Essa questão da memória, que é uma questão forte no judaísmo e [também foi para mim] quando eu escrevi *A chave de casa*, ela reaparece em todos os livros. Agora isso de ser sobre o universo judaico ou sobre outro universo, para mim, em particular, não faz diferença. Mas é porque eu sou essa judia torta aí (*risos*). Acho que quando eu vou escrever sobre alguma coisa judaica eu tenho que pesquisar tanto quanto quando eu vou escrever um livro sobre a Córsega.

Laura Jovchelovitch — Quais diferenças existem entre o olhar que você tinha do livro na época em que escreveu e o que tem hoje?

Tatiana Salem Levy — Ah, hoje eu não posso olhar para ele (*muitos risos*). Não, tô brincando. Até está para sair uma edição comemorativa do livro. Na verdade, o livro tem diferentes versões. Tem a primeira versão de todas, que foi a edição portuguesa, porque ele saiu primeiro em Portugal. Aí quando saiu no Brasil, eu já mexi, já cortei... É diferente da versão portuguesa. Depois, em algum outro momento, em alguma outra edição, eu resolvi mexer [de novo]. Mexi três vezes no total. Só que agora eu acho que cortei demais, que eu fui muito cruel. Então eu quero ver se consigo fazer uma edição no meio do caminho. Mas eu acho que não dá para ficar relendo muito o que a gente escreveu. Eu acho que ele é um livro que até tem essa força do primeiro livro. É uma coisa mais emotiva, mais despuerada num certo sentido da entrega. Mas depois eu fui melhorando a escrita. Então às vezes eu abro uma página d'*A chave de casa* e penso “ai, não acredito que eu escrevi isso”, e fecho.

Laura Jovchelovitch — Você pretende escrever mais livros com temática judaica?

Tatiana Salem Levy — Sim. Eu acabei de escrever um livro novo que é autobiográfico. Esse não é autoficcional, é autobiográfico mesmo. Nele eu volto à questão do luto, da morte da minha mãe, só que mais de vinte anos depois. E aí entram coisas judaicas. Não muito, mas entram.



Tatiana Salem Levy – foto de Julia Seloti

Referências

FAUSTO, Boris. *Negócios e ócios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SALEM, Helena. *Entre árabes e judeus: uma reportagem de vida*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

SALEM LEVY, Tatiana. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2022.

SALEM LEVY, Tatiana. *Vista chinesa*. São Paulo: Todavia, 2021.